

# "Eu já fui preto e sei o que é isso"

História social dos negros  
no futebol brasileiro:  
Segundo Tempo

Cesar Gordon Jr\*

*\* Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS-Museu Nacional-UFRJ. Graduado em Comunicação Social pela FCS-UERJ*

## Introdução

Este artigo é a segunda parte, ou o "segundo tempo", do ensaio sobre a história dos negros no futebol brasileiro, publicado em *Pesquisa de Campo* Nº 2, no qual procuramos contribuir com o debate sobre a discriminação racial no país, tratando a história do negro no futebol de um ponto de vista sociológico.<sup>1</sup> Como tentamos mostrar no primeiro artigo, pensamos que a história da presença dos negros no futebol brasileiro permite reconhecer com clareza um conjunto de representações sociais sobre o negro e sobre a mestiçagem, construídas com base em teorias racistas que dominaram o pensamento social brasileiro até meados deste século (e que se constituíram no que Roberto DaMatta chamou de "a fábula das 3 raças"). Examinando o processo de integração do negro em nossa sociedade na transição para a fase predominantemente urbana, vimos que o futebol foi um elemento fundamental para a democratização racial no país, funcionando como via de ascensão social e econômica dos negros e mulatos. No entanto, vimos também que tal processo não ocorreu contra a ideologia racista dominante, mas dentro dela. O futebol brasileiro

<sup>1</sup> Ver Gordon Jr., *História Social dos Negros no Futebol Brasileiro, primeiro tempo: essa maravilhosa obra de arte fruto da mistura*, In *Pesquisa de Campo*, Nº2, 1995, Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ. Faço aqui uma breve introdução, lembrando os principais argumentos que ali foram expostos. Para uma compreensão mais detalhada, peço que o leitor remeta-se ao artigo citado.

foi (é) um elemento chave na construção de uma **identidade nacional**, e esta identidade baseou-se, por longo tempo, numa série de pressupostos racistas, principalmente, na noção de **mestiçagem**.

Como a própria nação, o futebol brasileiro foi pensado como fenômeno resultante da mistura das raças. E muito mais do que uma simples modalidade esportiva, o futebol carregava em si a própria identidade brasileira. Assim, as derrotas do nosso futebol em confrontos internacionais representavam o fracasso de nossa civilização mestiça; ao passo que as grandes vitórias davam ensejo à afirmação feliz da mestiçagem e à exaltação da “maravilhosa obra de arte fruto da mistura” que eram nosso povo, nossa nação. Em resumo, vimos que a identidade nacional constrói-se sobre a “fábula das 3 raças”. Abordar a história do futebol brasileiro tendo como foco primordial a presença negra é encarar as manifestações claras dos conceitos que formaram (e formam) essa identidade.

Para discutir tais questões, como dito no “primeiro tempo” do ensaio, utilizamos como principal fonte historiográfica o livro de Mario Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*. Seguindo a estrutura da obra de Mário Filho, dividimos a história do negro no futebol em 3 períodos principais. No artigo anterior, focalizamos a fase que abrange os cinquenta primeiros anos dessa história – da introdução do futebol no país até finais da década de 40 –, onde vemos lentamente a aceitação de negros e mulatos no esporte. Neste “segundo tempo”, nos debruçamos sobre dois momentos-chave da história do futebol no país (e conseqüentemente, no desenvolvimento das relações raciais dentro do futebol): a derrota da Copa de 50, que reacendeu a discussão sobre as deficiências da “raça” brasileira; e as conquistas mundiais, culminando com o tricampeonato em 70, que

**Assim, as derrotas do nosso futebol em confrontos internacionais representavam o fracasso de nossa civilização mestiça.**

caracterizamos como “a revanche do preto”, centrada na figura de Pelé: o maior ídolo do esporte de todos os tempos.<sup>2</sup>

## II. A Provação Do Preto

A guerra e a derrota do nazismo na Europa indiretamente favoreceram os negros no futebol. Nenhum clube brasileiro queria ser acusado de fascista. Com isso, o tratamento em relação aos negros melhorou. Mas nem todos os negros eram Leônidas. Apesar de Leônidas ter elevado o status do negro dentro do futebol (e por extensão na sociedade brasileira), o preconceito ainda era forte; só que, agora, se manifestava de um modo diferente, não mais como nas primeiras década do século. Agora, havia duas normas de tratamento: uma para os negros do “meu” próprio clube, outra para os negros dos outros clubes. A manipulação de categorias raciais se fazia sentir nitidamente pois, como conseqüência desta distinção, passou a existir **dois tipos** de negro – os que jogavam no “meu” clube e os que jogavam nos “outros” clubes. Todos os preconceitos eram atirados, agora, aos pretos dos outros clubes. Estes continuavam sendo os mesmos “negros sujos”, “moleques”, “sem caráter” de antes. Por outro lado, quando o jogador negro era do “meu” time era preciso defendê-lo. E defendê-lo aqui significava livrá-lo daquelas características comumente imputadas aos negros, em outras palavras, tratava-se de **embranquecê-lo**. Os negros do “meu” clube passam a ser tratados socialmente como brancos.

Aí vemos surgir a manifestação de um fenômeno interessante e, acredito, tipicamente brasileiro: a idéia de que o preconceito não tem a ver com cor (raça) e sim com a posição social. Esta foi uma das formas mais cruéis encontradas pelo credo racista na tentativa de

*2 Para que se completasse a história do negro no futebol brasileiro caberia uma investigação sobre o período contemporâneo do nosso futebol, desde a década de 70 até os dias de hoje. Uma análise comparativa sobre as representações sociais dos jogadores negros hoje será extremamente interessante para que se possa compor uma visão global sobre as relações raciais no último século. O período recente do nosso futebol, porém, não será tratado aqui (nossa análise termina na década de 70, com a conquista do tricampeonato mundial). Fica, no entanto, a sugestão para pesquisas futuras.*

<sup>3</sup> A expressão assume inúmeros avatares como "negro de vergonha na cara", "fulano é negro, mas é um negro trabalhador", "negro limpo", etc.

manter o ideário da inferioridade e da incapacidade do negro. A mensagem contida no cínico adágio "**dinheiro branqueia**" se infiltra insidiosamente no discurso racista, para aparecer novamente sob uma outra forma, a do "**negro de alma branca**".<sup>3</sup> Ora, o que se quer dizer com isto não é que um negro deixa de ser negro ao ascender socialmente. É pior: a idéia é de que um negro só ascendeu socialmente porque deixou de ser negro. Com isso, a inferioridade da raça subsiste por trás de uma ilusória explicação em termos de classes sociais, pois só é capaz de alcançar uma posição social mais elevada o negro que "deixa de agir e de viver como negro" – seja por ter adquirido metafisicamente características do branco (alma), seja por procurar adotar um comportamento social considerado típico do branco (mais facilmente adquirido com o enriquecimento e o conseqüente aumento do padrão de consumo). A conseqüência disso é que os próprios negros, aqueles que se acham embranquecidos, passam a discriminar outros negros, como se também não o fossem. Em outras palavras, só é um cidadão socialmente reconhecido aquele que ou é branco, ou age e se comporta como um. Com isso, mantém-se intacta a inferioridade intrínseca à raça, ao mesmo tempo em que se quebra a possibilidade de criação de uma "consciência" étnica, uma vez que alguns negros podem **transformar-se** provisoria ou circunstancialmente em brancos.

Esse fenômeno de manipulação de categorias raciais aparece muito marcadamente no futebol. Cada clube tentando "branquear" os seus negros e "empretecer" os negros dos outros. Um exemplo maravilhosamente significativo e paradigmático desse tipo de raciocínio embutido insidiosamente na cabeça dos próprios negros aparece no livro de Mário Filho com **Róbson**. Róbson foi um dos poucos jogadores negros que o Fluminense

tivera até a década de 50. Não era um craque, mas era um jogador bem sucedido. Além de jogar futebol, trabalhava na Imprensa Nacional e ainda arranjava tempo para manter uma alfaiataria. Conta Mário Filho que numa noite, Benício Ferreira Filho levava Róbson e Orlando, o Pingo de Ouro, para o Fluminense. Um casal de negros, talvez bêbados, atravessou sem olhar a rua Soares Cabral, fazendo com que Ferreira Filho tivesse que freiar bruscamente o carro, quase atropelando os dois. Orlando bateu com a testa no pára-brisa e irritado explodiu: 'Seus pretos sujos, imundos!'. O casal, trocando pernas, nem deu atenção, seguindo seu caminho, o que irritou ainda mais Orlando. Foi quando Róbson tentou acalmá-lo. 'Não faz, Orlando. **Eu já fui preto e sei o que é isso**'" (Mário Filho:359).

Essa expressiva frase de Róbson banaliza qualquer tentativa de exegese. Em si, ela é profundamente reveladora da forma como se constituíram as relações raciais em nosso país. Ali estava um negro que não se sentia negro: jogava no elitista Fluminense, tinha um emprego público e era um pequeno empresário. Se era tudo isso não podia ser negro, ou pelo menos, não **tão** negro.

De qualquer forma, num sentido prático, os negros e mulatos nunca tinham atingido um situação melhor dentro da sociedade brasileira (ainda que isso não significasse, de forma nenhuma, a inexistência de racismo, como vimos). Através do futebol era possível buscar uma inserção maior na vida econômica e social do país. E o futebol vivia dias de glória. Parecia que por intermédio do futebol o Brasil achava uma identidade ou um *ethos* próprio para uma sociedade que se pensava tão marcadamente mestiça. A idéia de uma **democracia racial**, de uma harmoniosa combinação de raças parecia manifestar-se na ideologia brasileira através do **estilo** do nosso futebol. Tínhamos um futebol artístico, gingado,

Através do futebol era possível buscar uma inserção maior na vida econômica e social do país. E o futebol vivia dias de glória.

sem a dureza dos britânicos; um futebol de gente como Domingos e Leônidas, um futebol mestiço. Entretanto, a derrota na Copa do Mundo de 1950 serviria para mostrar que os velhos preconceitos e rancores ainda estavam vivos e que as relações raciais no país ainda estavam fundadas sobre os mesmos pressupostos de um século atrás.

A Copa do Mundo de 1950 se deu num momento todo especial. Era a primeira competição mundial do futebol desde a segunda grande guerra. O campeonato anterior (França, 1938) já se distanciava no tempo, e um ar de re-inauguração era sentido por todos. Seria também a ocasião para o Brasil mostrar ao mundo a arte do seu futebol, conquistando o troféu máximo, de nível mundial. Além disso, o país vivia um clima de efervescência política – 1950 era ano de eleições. Pela segunda vez, desde o fim do Estado Novo, os brasileiros iriam escolher o presidente da República. Getúlio Vargas era candidato fortíssimo com uma campanha em tons populistas, contribuindo para uma nova dose da mística nacionalista que tinha marcado os tempos ditatoriais das duas décadas precedentes (Vogel, 1982:81). A construção do Maracanã – de longe, na época, o maior estádio já erguido na face da terra, “para exaltar o amor do brasileiro pelo futebol” (Mário Filho:323) – dava outra mostra de toda a forte carga afetiva que foi depositada na disputa do campeonato.<sup>4</sup> A seleção brasileira carregava uma responsabilidade muito maior do que uma simples conquista esportiva. Transformada em verdadeiro universo metonímico da nação (a “Pátria de Chuteiras”), sua tarefa era a de expor ao mundo a suposta grandiosidade do país. Tratava-se de buscar “um lugar entre as nações”.

À medida que o time brasileiro conquistava vitórias, o otimismo e o ufanismo tomavam conta de todos,

principalmente nos grandes centros urbanos. A seleção, profundamente identificada com o *ethos* nacional; este, construído em cima dos pressupostos racialistas. Uma expressão que corria na época dizia que “nossos rapazes jogam em ritmo de samba” (Vogel, 1982:83). As goleadas contra os times da Suécia e da Espanha causaram uma explosão de euforia e um derramamento de superlativos. A imprensa exaltava o “grandioso futebol nacional”, com suas “combinações desconcertantes”, ou a “gala que se evidenciava nos passes da máquina brasileira”. Finalmente, a arte brasileira parecia ter se manifestado aos olhos do mundo. Um país que vivia em constante processo de auto-afirmação, parecia, enfim, estar em paz com sua própria identidade. O Brasil seria o campeão. E a vitória, o reconhecimento de nossa grandeza.

Mas veio a decepção. E muito mais que a decepção, a perda da Copa de 50, de forma trágica e cheias de elementos míticos,<sup>5</sup> significou ritualmente o fracasso e a morte da nação como um todo (Vogel 1982:91-92). O país cobriu-se de luto e vergonha, o povo tinha sido humilhado. Era preciso reconhecer os culpados. E como era de se esperar, os culpados foram reconhecidos nos negros. Não só em três negros do time, diretamente acusados pela derrota – Barbosa, Bigode e Juvenal – mas também na gota de sangue negro que havia constituído a própria civilização brasileira. A derrota para os uruguaiois trouxe à tona toda a carga racista enraizada na nossa sociedade. Às acusações, repletas de rancor racista, vinham de todos os lados. “Bigode se intimidara frente a Obdúlio Varela, apanhara, era um covarde”. “A culpa é de Barbosa”. Por outro lado, o técnico Flávio Costa responsabilizava Juvenal, lembrando de seus defeitos: “cachaceiro”.

Na realidade, todos os brasileiros sentiam-se, de alguma forma, culpados. Era como se, 50 anos depois,

<sup>4</sup> São impactantes e reveladoras do estado emocional que cercava a Copa de 50 as palavras do jogador espanhol Gabriel Alonso sobre suas lembranças dos jogos no Maracanã. Alonso realizou ali três partidas pela seleção espanhola: “Não consigo recordar os meus primeiros minutos no gramado do Maracanã. Eu admirava aquela arquitetura magnífica e não pensava na partida contra os chilenos. Apenas despertei de meu torpor quando Zarra fez nosso primeiro tento, com quase 20 minutos de jogo. Quando percebi que ganharíamos o jogo, senti uma alegria imensa. A meus olhos, aquele estádio gigantesco era a oitava maravilha do mundo. Até a derrota de seis gols para os brasileiros não trouxe tristeza ao time. Queríamos ganhar, mas sabíamos que enfrentávamos os homens divinos que tinham erguido aquele monumento do futebol. Arranquei um tufo de grama e levei comigo.”  
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 22/05/94, Edição especial: Fascículo A História das Copas, p. 3.

<sup>5</sup> Sobre a Copa de 50 e o fatídico 16 de julho, ver Perdigão, P. (1986).

**Na realidade, todos os brasileiros sentiam-se, de alguma forma, culpados.**

os ecos de Nina Rodrigues retumbassem como um fantasma sobre o país: “Somos uma sub-raça, uma raça de mestiços, uma raça inferior.” “Enquanto dependermos do negro vai ser assim...” “Essa sociedade racialmente impura não poderia mesmo chegar a lugar nenhum.” “Para as grandes decisões não era possível contar com os pretos e os mestiços. Eles se acovardam, se borram todos. Assim como Barbosa quando estreou no escrête brasileiro”.

De fato, o negro Barbosa tornou-se o símbolo dessa civilização triste e falida. Desde o início da carreira, Barbosa sofria o estigma do goleiro negro. No meio esportivo corria a idéia convicta de que goleiro deveria ser branco, devido à velha idéia da instabilidade emocional do negro (talvez a lembrança da presença marcante e segura de Marcos Carneiro de Mendonça tenha também ajudado a construir esse mito). Jamais um negro seria um bom goleiro já que a posição exigia constância, segurança e frieza.<sup>6</sup> Contava-se que Barbosa, em sua estréia na seleção, em 1945, contra a Argentina, apavorado levava 2 gols em menos de 10 minutos, precisando sair de campo para trocar o calção. Verdade ou lenda, a história marcou, desde o início, a carreira de Moacir Barbosa que, para muitos comentaristas e torcedores estava irremediavelmente condenado ao fracasso. Após a derrota de 50, o negro Barbosa foi o símbolo da inviabilidade do povo brasileiro.

Vê-se logo que, não por acaso, as mesmas categorias (constitutivas da identidade nacional) que foram utilizadas para exaltar as qualidades brasileiras nas vitórias, foram motivo de depreciação e vergonha na derrota. O jogo com o Uruguai ficou gravado como uma derrota da “arte” (oriunda da mestiçagem) para a força moral (da raça branca, com pouca mistura). Os velhos estereótipos de Gobineau e Freyre estavam agora

escancarados: a arte, o toque de criatividade e a “irracionalidade” simbolizando características das raças negras, *versus* força moral e a bravura das raças brancas.<sup>7</sup> E a “arte, a ginga, a malícia” foram vencidas pela “moral”, pelo “caráter”, pela “determinação”. A civilização mestiça mostrou que seu destino era realmente o fracasso. A prova da derrota estava naqueles bodes expiatórios, todos negros – Barbosa, Juvenal e Bigode (os brancos do escrête brasileiro não foram acusados de nada). Esquecia-se, no entanto, que o poderoso comandante do escrête inimigo (símbolo da garra e da honra uruguaia), o capitão Obdúlio Varela, era também um mestiço.

### III. A Revanche Do Preto

Se a perda da Copa de 50, assumindo conotações de tragédia, significou, dentro da ideologia nacional, a derrota do mulato, a derrota de uma civilização mestiça e inferior, as conquistas posteriores da seleção brasileira, culminando com o tricampeonato do mundo, serviram decerto para reavaliar muitas idéias e aliviar alguns desses rancores. Nesse sentido, a figura de Pelé – o maior jogador de futebol de todos os tempos, eleito o atleta do século, negro e sobretudo brasileiro – adquire uma importância inexpugnável. Garrincha, mulato, quase deficiente – podemos vê-lo como um símbolo tardio do “país doente” das investidas sanitárias – também teve sua relevância, como co-participante na recuperação da figura do negro e do mestiço na sociedade brasileira após a mágoa de 50.

No entanto, no vácuo entre a derrota de 50 e a primeira conquista em 58, a posição dos jogadores negros foi desconfortável. Ao longo da década de 50, o futebol brasileiro, traumatizado, obteve resultados internacionais muito ruins. Em 54, perdera a Copa do

<sup>7</sup> Outras discussões sobre o recrudescimento do racismo após a derrota em 50, estão em Guedes (1977) e Perdigão (1986).

No entanto, no vácuo entre a derrota de 50 e a primeira conquista em 58, a posição dos jogadores negros foi desconfortável.

<sup>6</sup> É interessante notar que, depois de Barbosa, pouquíssimos foram os goleiros negros convocados para a seleção brasileira (coincidentalmente, a atual seleção pré-olímpica tem o negro Dida como goleiro). Em disputas de copas do mundo, Barbosa foi o último negro a ocupar a posição.

Mundo da Suíça, apesar de ter sido um dos favoritos (não como em 50, mas ainda assim favorito). O descrédito no futebol brasileiro aumentou depois da fraca campanha da seleção montada por Flávio Costa em 56, e de nova derrota no sul-americano de 57 no Peru. Durante a temporada da seleção na Europa em 56, um episódio extra-campo serviu para piorar a imagem do jogador brasileiro. O ponta-direito negro Sabará, convocado para o lugar de Julinho (naquela altura já jogando no Fiorentina da Itália), causou um enorme mal estar, em Londres, quando, depois de um treino da seleção, entrou no pomposo salão de chá do Lane Park Hotel de chinelo, toalha no ombro, macacão e gorro de marinheiro. Conta Mario Filho que as senhoras inglesas vendo, de repente, surgir, emoldurado na porta aberta do salão, aquele negro de macacão e chinelo, deixaram cair as chécaras de porcelana, contendo a exclamação de repulsa: "Shocking!" (Mario Filho:373).

Ó episódio pode, hoje, parecer banal. Mas afirma Mario Filho que ele gerou um relatório do técnico Flavio Costa à CBD aconselhando, após o incidente de Sabará, que só se convocassem jogadores que soubessem portar-se adequadamente. Para a Copa de 58, a CBD procurou seguir as recomendações de Flávio Costa, tentando convocar, na medida do possível, menos jogadores negros e mulatos. Segundo Mario Filho, a preocupação de embranquecer o time da Copa chegou a tal ponto que, na estréia contra a Áustria (8 de junho de 58), o único negro era Didi. A posição de Didi era uma em que não havia escolha: seu reserva era o também negro Moacir. Mas onde se podia escolher entre um negro e um branco, ficava-se inicialmente com o branco: De Sordi no lugar de Djalma Santos, Orlando no lugar de Zózimo, Joel no de Garrincha, Dida no de Pelé, e o louro Mazola no lugar do moreno Vavá.<sup>8</sup>

Foi somente no jogo contra a URSS que a seleção pôde contar com Pelé e Garrincha em campo. Este jogo, aliás, pode ser visto como paradigma: descortinava-se ali, plena, a representação que os brasileiros faziam de seu futebol. Desde que conquistara o título olímpico em 1956, a seleção soviética era vista como uma das grandes favoritas da Copa. Vivia-se em plena corrida espacial, e os russos pareciam ter conseguido levar todo o modernismo tecnológico ao futebol. Jogavam o "futebol científico": seus jogadores, dizia-se, eram os mais bem preparados fisicamente; espões da KGB filmavam jogos dos times rivais; as partidas e esquemas táticos eram analisados em computadores; etc. Mas o Brasil, comandado por Didi e contando com o futebol desconcertante de Garrincha, deu um verdadeiro baile. Ao final, o placar de 2x0 não refletiu o supremo domínio do Brasil. Esta vitória incontestável foi a metáfora da conquista da Copa de 58 (e por extensão da conquista de todo o tricampeonato): ela representou, para todos, a ressurreição e supremacia do futebol artístico, gingado e sambado dos brasileiros. A vitória da arte sobre a força, da intuição sobre a razão, da magia sobre a tecnologia, da irracionalidade sobre o racionalismo, enfim, a revanche do futebol de negros e mestiços sobre o futebol da raça branca e pura.<sup>9</sup>

Deste modo, com a conquista do tricampeonato, – iniciando nos pés de um garoto negro de 17 anos, em 1958, passando por um mulato caipira de pernas tortas em 1962, finalmente chegando ao futebol arte comandado por um Pelé maduro em 70 –, as acusações de 20 anos atrás perderam a consistência. O negro, o mulato, o mestiço tinham vencido no futebol. E o símbolo máximo dessa vitória era Pelé, que no Brasil passou a ser "o" preto. "Crioulo", como todos os pretos o chamam para se acostunarem a ser pretos" (Mário Filho: 402).

<sup>8</sup> Tal representação da vitória brasileira em 58 não considerava que, pela primeira vez na história do nosso futebol, a CBD, sob o comando de João Havelange, havia montado um esquema de organização verdadeiramente profissional visando a conquista da Copa. Todos os jogadores passaram, meses antes, por exames médicos, tratamentos dentários e desparasitários. Montou-se uma "comissão técnica", formada por um supervisor (Carlos Nascimento), um médico (Hilton Gosling), um preparador físico (Paulo Amaral), um dentista (Mário Trigo) e um psicólogo (João Carvalhaes), além do técnico Vicente Feola. A delegação era chefiada por Paulo Machado de Carvalho e contava ainda com um administrador (José de Almeida) e um tesoureiro (Adolpho Marques). Por trás da arte de Garrincha e Pelé havia, portanto, um plano de trabalho altamente racional e detalhista, onde não havia espaço para improvisações. A Copa de 58 marcou não somente a ressurreição do futebol arte como, fundamentalmente, um novo padrão de organização por parte dos dirigentes do futebol brasileiro.

<sup>8</sup> Esta versão de Mario Filho sobre a escalação do time brasileiro no primeiro jogo da Copa de 58 não é aceita de forma unânime. Ruy Castro, por exemplo, em sua recente biografia sobre Garrincha (Castro, 1995), afirma que os motivos da escalação de Dida e Joel seguiram critérios táticos precisos. A comissão técnica, alertada sobre o time austríaco pelo "olheiro" Ernesto Santos, preferiu adotar uma postura mais cautelosa no primeiro jogo, armando um time mais defensivo, no qual os atacantes ajudassem os três homens de meio-campo. De acordo com Paulo Amaral, Garrincha jamais seguiria as instruções de recuar para ajudar na marcação, daí a escalação de Joel. No caso de Pelé, a comissão técnica só pretendia lançá-lo em plenas condições físicas (Pelé recuperava-se de uma contusão) com medo de perdê-lo para as fases finais da competição.

#### IV. Conclusão

Com este trabalho, procurei retratar, num esboço, uma parcela da difícil trajetória dos negros na sociedade brasileira, contada através de episódios do nosso futebol. *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, se mostrou uma obra de extremo interesse ao pesquisar, através da história do futebol no Brasil, todo o processo de integração social do negro no contexto urbano, desde o início do século até a década de 70. Não há dúvida de que o futebol não foi a única porta de acesso dos negros no sentido de integração social e econômica na vida brasileira. A democratização das relações sociais e raciais no Brasil é fruto de uma conjunção de fatores, em níveis e domínios diferentes. No entanto, também não resta dúvida de que o esporte, em geral, e o futebol em especial, tiveram um peso não de pouca importância.

Por outro lado, é fundamental termos em mente que a integração do negro na sociedade brasileira, através do futebol, não pôs fim aos estereótipos e à ideologia racista, muito ao contrário, serviu-se deles. A construção de uma **identidade brasileira**, que passa pelo futebol (por um **estilo brasileiro** de jogar futebol), teve como base pressupostos e conceitos erguidos pelas teorias racialistas vigentes nas interpretações “eruditas” do Brasil. Não é por outro motivo que o debate em torno do tema “futebol arte *versus* futebol força” assume uma posição primordial na conceituação do futebol brasileiro.

Uma elaboração teórica mais profunda sobre a devida dimensão do futebol dentro do processo de democratização das relações raciais no Brasil e na construção da identidade nacional está ainda para ser feita. O tema merece um tratamento mais sistemático, coisa que escapa aos limites desse ensaio, que pretende ser, aproveitando a metáfora futebolística, um **pontapé inicial**. Mais

proveitoso é destacar que na história do futebol brasileiro reside uma parcela importante e interessante da história da nossa sociedade na sua transição para a fase predominantemente urbana. O futebol é um dos elementos-chave na cultura brasileira, e a partir dele podemos recuperar questões extremamente relevantes para o entendimento da história social do nosso país, em diversos domínios. O que procurei, com esse artigo, foi esboçar a relação da história do negro no futebol brasileiro com a tradição do pensamento racista no Brasil e suas implicações na construção de uma ideologia sobre as relações raciais no nosso país e principalmente na construção de uma identidade nacional.

Vimos como as representações dos negros e mulatos no futebol foram sempre expressas em noções sobre a natureza da **raça** negra tais como as de “irracionalidade”, “impulsividade”, “excesso”, “musicalidade”, “ginga”, “arte”, “malícia”, etc. Ao mesmo tempo, uma estrutura social hierarquizada e elitista, oriunda do regime escravocrata e que se desdobrava no domínio do esporte, favorecia e incentivava idéias de **inferioridade** racial (também retiradas de correntes tradicionais do pensamento racista). Vimos também como essas categorias foram manipuladas de modo distinto ao longo dos anos, servindo tanto como instrumento de integração quanto de segregação e aprofundamento dos preconceitos, tanto para exaltar qualidades como para ressaltar deficiências.

Cabe ainda uma última palavra sobre o livro de Mário Filho. *O Negro no Futebol Brasileiro* é um livro rico e interessante, um relato vivo e minucioso da luta do negro na sociedade brasileira, dentro de uma esfera particular e significativa – o futebol. Com ele, Mário Filho deixou um retrato objetivo sobre a devida dimensão do futebol no processo de democratização das relações raciais no Brasil.

**É fundamental termos em mente que a integração do negro na sociedade brasileira, através do futebol, não pôs fim aos estereótipos e à ideologia racista.**

**O futebol é um dos elementos-chave na cultura brasileira, e a partir dele podemos recuperar questões extremamente relevantes para o entendimento da história social do nosso país, em diversos domínios.**

## BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Celia M. M. de. *Onda Negra, Medo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CASTRO, Ruy. *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- DAMATTA, Roberto. *Esporte na Sociedade: Um ensaio sobre o futebol brasileiro*. in: *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A Fábula das Três Raças*. In: *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco. 2ª ed. 1987.
- GUEDES, Simoni L. *O Futebol Brasileiro: Instituição Zero*. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, 1977.
- HELAL, Ronaldo. *O que é Sociologia do Esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MÁRIO FILHO. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- MILAN, Betty. *Brasil, O País da Bola*. São Paulo: Best Editora, Biblioteca Educatex de Cultura Brasileira, 1989.
- OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. *O Mulato, um Obstáculo Epistemológico*, in: *Revista Argumento*. Ed. de janeiro, 1974.
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma Derrota*. Porto Alegre: L&PM, 1986
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. Bahia: Guanabara Koogan, 1894
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- VOGEL, Arno. *O Momento Feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional*, in: *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982.